

PROJETO DE FORMAÇÃO DE GUIAS E GUARDIÃES DO PARQUE SÃO BARTOLOMEU; A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA EM DIVERSAS LINGUAGENS*

América Lúcia Cesar

A democratização da escola não se garante apenas com o aumento da oferta de vagas, exige uma proposta político-pedagógica que abrace e afirme a nossa diversidade cultural e lingüística e reconte a história dos povos – e línguas – oprimidos e exterminados no Brasil. Isso todos sabemos. Sabemos também que já é grande o esforço de professores e cientistas nesse sentido. No entanto, ainda falta muito para que seja incorporada a riqueza dos saberes populares e o conhecimento acumulado pelas ciências numa prática pedagógica que leve à transformação não só da escola, mas dessa ordem (ou melhor desordem) autoritária, glotofágica e etnocêntrica a que estamos submetidos.

A experiência de formação de guias e guardiães, que apresentamos aqui, é uma tentativa de construção de um currículo multidisciplinar. As questões metodológicas que esta experiência pode suscitar são muitas; porém, preferimos aproveitar o espaço desta comunicação para descrever, na medida do possível, o trabalho com a linguagem para não só divulgá-lo, mas também submetê-lo às críticas e contribuições dos diversos estudiosos aqui presentes.

O Parque São Bartolomeu

O Parque São Bartolomeu, em Pirajá, espaço sagrado para os fiéis do Candomblé, que dependem das folhas e das áreas verdes para a realização dos seus cultos, situado no subúrbio ferroviário de Salvador, é uma das últimas reservas de Mata Atlântica da cidade.

A despeito do processo de desmatamento e invasões que vem sofrendo, abriga ainda grande diversidade de plantas e animais, quatro cachoeiras, o manguezal e a barragem do Rio do Cobre,

* Comunicação apresentada ao Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística, realizado em Salvador, de 11 a 16 de setembro de 1994.

responsável pelo abastecimento de água do subúrbio. A sua preservação é fundamental para a sobrevivência dos ritos do Candomblé, que, com a urbanização desordenada, aliada à perseguição histórica que se reproduz atualmente nas ações das religiões e seitas evangélicas, cada vez mais se volta para dentro das cercas dos terreiros. Além disso, tem um significado adicional para a história dos povos oprimidos: nas suas imediações localizaram-se aldeamento indígena e, posteriormente, vários quilombos, entre os quais o Quilombo dos Urubus; foi também em Pirajá que ocorreu a batalha definitiva para a independência da Bahia, por conta da participação popular, em 1823.

Apesar dos seus múltiplos significados – ecológico, histórico, religioso, social – e da possibilidade econômica de auto-sustentação, inúmeros são os problemas que ameaçam a preservação dessa área. Envolvida por um bolsão de pobreza e miséria, está cada vez menos freqüentada em virtude de assaltos e outros atos da violência urbana, poluição das águas das cachoeiras por lixo e esgotos, e só as pessoas que ali conviveram em épocas passadas é que ainda falam com saudade do Parque.

Há aproximadamente três décadas, entidades ligadas aos cultos africanos na Bahia e outras da sociedade civil se articulam no Movimento de Defesa do Parque São Bartolomeu. O Projeto Memorial Pirajá, como parte desse movimento, é uma iniciativa da Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu, com o apoio de várias entidades e grupos ambientalistas, principalmente a Federação dos Cultos Afro-Brasileiros – FEBACAB, terreiros locais, o Grupo de Recomposição Ambiental – GERMEN e o Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, com assessoria da Equipe Urbana do Centro de Estudos e Ação Social – CEAS, e pessoas interessadas, inclusive intelectuais e artistas.

O projeto começou a ser implantado em 1991, com o curso de formação de guias e guardiães, que foi concluído em 1993. Atualmente, 35 guias e guardiães formados neste curso atuam na 2ª etapa do projeto, em suas várias vertentes: grupo de teatro, grupo de comunicação, pesquisa etnobotânica e campanha de educação para a saúde; e desenvolvem ações nas escolas públicas, em grupos culturais, organizações comunitárias e aproximadamente vinte terreiros de Candomblé no entorno do Parque.

O curso de formação de guias e guardiães do Parque São Bartolomeu

No curso de guias e guardiães procurou-se construir um processo educativo de jovens, adolescentes do subúrbio ferroviário, aliando os interesses do Movimento de Defesa do Parque às reivindicações de grupos de mães das comunidades vizinhas preocupadas, além de tudo, com as ameaças de marginalização e o despreparo dos seus filhos para enfrentar o futuro.

Entre 600 jovens moradores do subúrbio, na maioria negros e mestiços, foram selecionados 60 alunos e alunas na faixa de 14-17 anos, com escolaridade a partir da 3ª série do 1º grau, distribuídos em dois turnos: matutino e vespertino.

Na fase de construção e implantação do currículo, esses jovens trabalharam com uma equipe formada por assessores do CEAS, professores das universidades Federal e do Estado da Bahia, além de monitores vinculados aos movimentos populares com alguma experiência nas áreas de conhecimento que, para efeito didático, é possível agrupar em quatro: Ciências Naturais, Comunicação e Expressão, História e Antropologia.

O trabalho pedagógico com a língua portuguesa nas escolas públicas, de onde provêm os alunos e alunas do curso, orienta-se no sentido de ignorar, quando não estigmatiza, os saberes e usos linguísticos da sua clientela; privilegia a aquisição da escrita, o domínio de uma suposta norma, ideal de língua que, na verdade, não se realiza. O que existe são práticas escolares vazias de sentido para o aluno, transposição, mais ou menos didática, de conteúdos da tradição gramatical que terminam por excluir os estudantes – herdeiros de uma cultura cuja tradição é oral – pelos altos índices de repetência e evasão escolar ou calando-lhes a voz.

Entendendo a importância social e o desafio do trabalho com a diversidade linguística, o curso de guias e guardiães representou uma oportunidade de experiência em que a linguagem se constituiu eixo privilegiado de construção coletiva de conhecimento e ações fora do âmbito institucional da escola formal. Mesmo que formado por professores e monitores com diversas concepções do processo de ensino/aprendizagem, perseguiam-se certos princípios comuns de incentivo ao potencial criativo e expressivo do aluno, de fortalecimento da sua autonomia, de resgate do saber popular e incorporação dos conhecimentos acumulados pelas ciências para a compreensão crítica e intervenção na realidade.

Trabalhar com a realidade local significou encarar os conflitos não só lingüísticos mas sociais existentes no subúrbio ferroviário: a pobreza, o desemprego, a fome, moradia, marginalidade, violência policial, a violência racial, sexual, degradação do manguezal, entre outros temas que apareceram nos textos orais ou escritos pelos alunos.

No início, o trabalho concentrou-se em investigar e documentar o imaginário e as diversas concepções dos alunos através de vivências de integração, sensibilização do grupo para liberar a expressão em diversas linguagens: verbal, corporal, musical, plástica, teatral.

O uso da língua em diversas situações de interação verbal, com ênfase na oralidade, foi base para o trabalho. Os textos escritos aconteciam na medida em que eram requisitados pela necessidade real de sistematização, registro da experiência e de comunicação social.

E nesse sentido, foram múltiplas as conversas em sala de aula, e outras situações em que se exercitaram como interlocutores ou oradores: em reuniões de coordenação, assembléias, seminários, em audiências na Prefeitura, debates com alunos e professores nas escolas públicas do subúrbio, e particulares em outras zonas da cidade, na produção de material escrito para as passeatas e desfiles, palavras de ordem, discursos, no contato com visitantes estrangeiros ou de outros Estados, nas entrevistas com a comunidade local e com os representantes dos terreiros de Candomblé e de outras religiões.

Para sensibilizar e informar a comunidade sobre as lutas do Movimento, produziram dois números do jornal "A Folha Suburbana", organizaram a biblioteca da sede e, entre os meses de setembro a novembro de 1992, esses adolescentes discutiram com profissionais de diferentes áreas, revendo a história dos povos indígenas e dos povos negros, confrontando-a com sua situação atual. A socialização desse re-conhecimento se concretizou com a montagem da peça "Os 500 anos da América e o Parque São Bartolomeu". Foram falas, poesias, músicas, além de danças, máscaras, cenário, figurino e adereços, feitos pelos alunos com os recursos disponíveis.

No momento em que se reacendeu a ameaça de aterro do manguezal, produziram o vídeo "As Marisqueiras", em que se denuncia a condição de vida da população que vive da mariscagem e a importância do manguezal para a sua sobrevivência. O vídeo foi apresentado em escolas públicas locais pelos próprios alunos que estimularam os debates. Para a confecção do vídeo fizeram pesquisas na área de Geologia e Biologia, entrevistas com a população local sob a orientação de um profissional especializado, que ensinou as técnicas de produção de roteiro e gravação.

O contato com a norma prestigiada se ampliou com a leitura espontânea dos livros disponíveis na biblioteca que eles organizaram, nos textos informativos e científicos necessários à formação profissional, na interação com os professores e produção das diversas áreas, no contato com políticos e administradores públicos na luta pela manutenção do projeto. Essas interações, através do trabalho lingüístico de crítica e reflexão sobre a ação, proporcionaram material para a aquisição formal de variantes não só nos níveis morfofossintático, lexical e fonético da norma prestigiada mas também de organização e estruturação do discurso de acordo com as exigências dos diversos contextos. Nas situações de fala em que há maior grau de formalidade, é sempre notada por todos a adequação ao registro e a desenvoltura com que alguns se colocam, mesmo falando para grandes platéias.

No geral não foram utilizados artificios no sentido de favorecer essa aquisição. Dois professores trabalharam com a reescrita de textos, mas a reflexão sobre a língua dispensou os conteúdos formais baseados nas categorias da gramática tradicional.

Houve uma determinação dos professores de não avaliar ou corrigir os textos escritos, muito menos orais, de acordo com as estruturas da norma padrão. Os meninos saíram do curso ainda com dificuldades na ortografia, pontuação e outras exigências da modalidade escrita que passam pelo crivo do padrão gramatical. No entanto, é visível a diferença no desempenho lingüístico se se comparam os textos iniciais e os finais do curso.

E não só lingüístico. A prof^a Maria Flávia Gazzineli, cuja dissertação de mestrado tem como tema a proposta de construção do currículo no curso de guias e guardiães, analisa que nos textos iniciais “as diversas leituras que o aluno fazia do Parque, de uma forma geral, eram assinaladas por uma defesa acrítica da sua preservação, na qual estão ausentes quaisquer argumentos capazes de problematizar as agressões ambientais praticadas pelo homem que lá vive”.¹

Como nessas falas iniciais:

- *Lugar muito bonito que não pode ser destruído.*
- *Deve ser preservado por ser uma das maiores fontes de oxigênio de Salvador.*
- *Temos que preservar porque verde é vida.*
- *Temos que preservar a natureza, pois são plantas que soltam o oxigênio.*
- *Com todo mundo ajudando, o parque voltará a ser como antes.*

¹ “Educação ambiental: uma experiência bem sucedida – longe do ideal, perto do exequível”, Em Aberto, Brasília, ano 12, n° 58, abril-junho 1993, pp. 80-95.

Os textos da avaliação final do curso evidenciam que os alunos conseguem reconhecer, dentre os fenômenos, a dimensão social, política e econômica da problemática ambiental do Parque. Alguns textos finais são elucidativos:

- *O mangue de dentro do Parque está tendo grande alteração segundo a nossa geologia, as pessoas estão tirando as árvores, derrubando-as e as areias estão descendo e aterrando o mangue e impedindo a passagem da água do mar com a do rio. No mangue do Parque a solução seria que as pessoas não derrubassem mais as árvores porque assim não causaria alteração, e, no mangue de fora o caso é mais complicado porque teria que planejar bastante e uma das primeiras coisas a ser discutida é para onde as pessoas iriam sem que haja prejuízo.*
- *A floresta é um lugar muito importante para os seres vivos, tem que ter um solo rico em húmus, úmido, com bastante luz solar e temperatura adequada, e isso tudo depende para que os vegetais tenham um bom crescimento, para que eles possam fazer a fotossíntese e a transpiração. É para que os animais possam desempenhar seus papéis dentro do ecossistema; na teia alimentar cada um depende do outro para sobreviver.*
- *A Floresta Atlântica vive um constante equilíbrio. Ela é muito frágil. Se mexermos em uma coisa aos nossos olhos mínima, pode resultar em imprevisível desastre natural. E é isso que ocorre aqui em São Bartolomeu. O desmatamento é um dos problemas que mexe no equilíbrio da mata. Com o desmatamento, certas espécies de vegetal deixam de existir. E isso ocorre grandes problemas ambientais. Por exemplo, com a falta de alimento decorrente de um desmatamento, formigas, gafanhotos, lagartos e outros insetos podem mudar de seu habitat, para áreas ocupadas pelo homem, trazendo transtornos. A cobertura de vegetais também protege o solo. Uma área desmatada sofre erosão, porque não tem a proteção das copas das árvores. Enfim, esse equilíbrio pode ser visto sob vários ângulos. Por exemplo, a reciclagem de nutrientes. Como sabemos, as plantas tiram os nutrientes que precisam do solo. Esses nutrientes são usados pelas plantas, que por sua vez fornecem muitos nutrientes ao solo através de suas folhas, galhos mortos etc.*
- *Deve ter um centro de cultura, onde pudesse realizar eventos culturais, um ecomuseu no qual o acervo seria o próprio parque. Deve-se reavivar o lado afro visando um local para que as pessoas do Candomblé pudessem realizar seus ritos.*

Outro fato relevante é que a ampliação do repertório na variedade padrão, nesse processo de múltiplas intersecções, ocorreu *pari passu* a outras aquisições, como a consciência da diversidade dialetal, e a necessidade de adequar sua fala nas diversas situações de comunicação. Além disso, como adolescentes, em que pese a diversidade de

concepções e valores do grupo, são portadores de regras particulares de comportamento, inclusive lingüístico. Será necessário uma investigação rigorosa no sentido de desvelar em que medida ocorre no desempenho lingüístico o uso das diversas variantes e como.

Ao término do curso, cerca da metade dos alunos, por iniciativa própria, começou a realizar palestras nas escolas públicas vizinhas ao Parque, e uma oficina de teatro com produção de máscaras junto a crianças menores das vizinhanças.

Conclusão

A quantidade de textos produzidos têm sido objeto de estudo para pesquisadores de diversas áreas, e várias são as questões e leituras que podem ser colocadas; porém o que considero importante destacar aqui é a afirmação da possibilidade de um trabalho voltado para a valorização e respeito à diversidade lingüística que levou à ampliação do domínio da língua materna e proporcionou certo domínio da norma de prestígio, ainda que também diferenciado.

Acredito que isso só foi possível porque o trabalho lingüístico esteve integrado e integrou uma proposta educativa que era antes de tudo uma práxis na qual o falante se constrói concomitantemente ao sujeito crítico, ao assumir, de formas variadas, sua condição de ator social. Só esta constatação já é suficiente para se questionar o papel político dos currículos da escola oficial.

E para terminar, a palavra de um dos alunos do Curso, Rogério Menezes, que compôs e musicou a poesia "Mundo Perfeito":

*Não tenha medo de dizer
Não tenha medo de dizer
Nós acreditamos num mundo perfeito
Um mundo perfeito é aquele que todos têm direitos
Que ninguém se acaba por dinheiro
Um mundo sem violência
Sem guerra
Sem vingança
Um mundo de paz
e que todos se amem na vida
Juntos lutaremos.
Não tenha medo de dizer
(...)
Não tenha medo de dizer*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Everaldo. “O Terreiro de Bogum e o Parque São Bartolomeu”, palestra proferida no Seminário para o Curso de Guias e Guardiães, Salvador, 1992.
- FORMIGLI, Ana Lúcia et alii. “Educação ambiental – Projeto São Bartolomeu”, Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu, Salvador, 1991.
- GAZZINELLI, Maria Flávia Carvalho. “Educação ambiental: uma experiência bem sucedida – longe do ideal, perto do exequível”, *Em Aberto*, Brasília, ano 12, n° 58, abril-junho 1993.
- REIS, João José. “A contribuição dos negros nas lutas pela independência da Bahia”, palestra proferida no Seminário Preparatório da Levada Popular – Dois de Julho, Salvador, 1994.